

Os candidatos, na véspera.

O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello — primeiro nas pesquisas — acordou cedo, otimista, mas inquieto. Começou a telefonar para os correligionários, repetindo o grito de guerra: "Dêem o sangue". O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, participou de uma passeata em São Bernardo do Campo, onde fez um dos fundadores do partido passar mal de tanta emoção. Emoção também não faltou no passeio que o tucano Mário Covas fez ontem de manhã no Vale do Anhangabaú. "Você vai mudar este país", disse uma jovem que o abraçou. E ele respondeu: "Nós todos vamos mudar este país".

Se os candidatos mais votados nas pesquisas tiveram um dia agitado, cercado pelos correligionários e populares na maior parte, outros, como Ulysses Guimarães, do PMDB, e Aureliano Chaves, do PFL, passaram horas amargas. Dividido entre Brasília e São Paulo durante o dia, Ulysses manteve contatos com governadores do PMDB e presidentes de diretórios regionais, na articulação final de sua campanha. O clima a sua volta era de mágoa. Mágoa com políticos e correligionários que o abandonaram na mais difícil jornada de sua trajetória política. Mágoa com alguns setores da imprensa que, segundo ele, o "enterraram vivo". Ele admite que existam traições, mas ressalta:

— Isso acontece também com outros candidatos.

(O governador Orestes Quércia negou que estivesse ocorrendo uma evasão em massa de peemedebistas para os lados de Leonel Brizola e Mário Covas e mandou um recado duro ao partido: "Os dirigentes, os correligionários e militantes do PMDB devem se manter leais aos seus candidatos para sufragá-los nas eleições de 15 de novembro".)

Quanto a Aureliano, se ele se queixasse neste momento de solidão, teria todas as razões do mundo. Durante o período da campanha, os companheiros de seu partido foram, pouco a pouco, abandonando a sua candidatura. Ontem, ele permaneceu em seu apartamento no bairro Sion, na zona Sul de Belo Horizonte, de onde só sairá hoje para depositar seu voto na urna, no Grupo Escolar Presidente Antônio Carlos.

Sem Spaghetti

Collor chegou às 16h30 a Maceió, procedente de Brasília, e durante o voo não quis o spaghetti à bolonhesa que lhe serviram. Tinha pressa de chegar. "Não parem de trabalhar, vamos lá", insistia com seus correligionários depois de desembarcar em Maceió, onde, pelas pesquisas, ele deve perder — mas a previsão é de uma grande vitória no interior. "Se forem mantidas as projeções dos institutos de pesquisa, o nosso adversário no segundo turno será o Lula", disse o líder do PRN na Câmara, deputado Renan Calheiros.

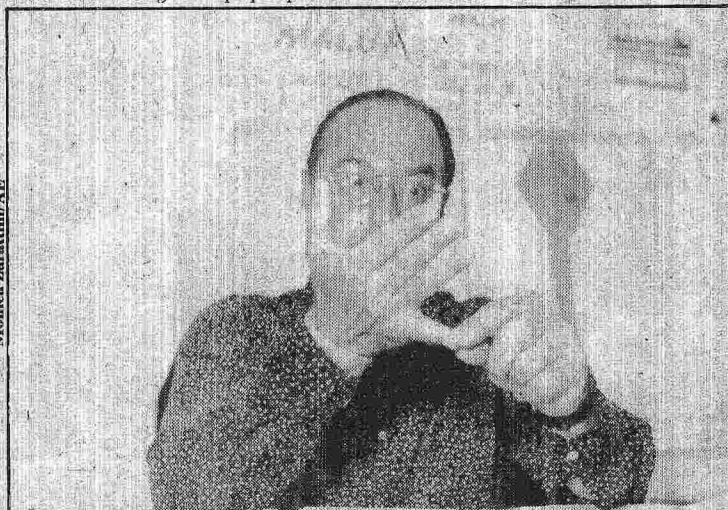
Enquanto ele se preocupava com Lula, o candidato do Partido dos Trabalhadores parecia mais preocupado com o petetista Leonel Brizola, durante sua caminhada pelo ABC, sem carro de som mas com muito barulho dos militantes do partido. Depois de prometer que iria "dormir cedo e bem", Lula jogou o que talvez tenha sido a última farpa contra Brizola antes da votação, ao acusá-lo de ter sido o candidato que mais "fustigou" sua condição de operário.

E Brizola deu mais uma alfinetada em Lula durante uma pequena carreata entre Petrópolis e Volta Redonda — ele viveu ontem um verdadeiro dia de campanha, apesar da proibição da Justiça Eleitoral, que encerrou as campanhas no domingo. Foi quando parou numa barraca para comprar bananas: "Essa banana-ouro parece o Lula. É a banana Lula, porque tem casca por fora e pouca carne por dentro", brincou. E provocou os militantes do PT: "Eles vão é acabar apoiando o Collor no segundo turno."

Em Volta Redonda, Brizola colocou duas coroas de flores no monumento em homenagem aos três operários mortos pelo Exército nos conflitos de novembro de 1988 e, apesar dos apelos dos populares,



Covas: homenagens e papel picado no Centro.



Maluf: contando com o apoio de Silvio Santos.



Ulysses e Quércia: recado aos "traidores".



Enéas: esperanças de virar o jogo.

não fez qualquer discurso. Em seguida, almoçou numa churrascaria de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio.

O passeio de Covas

O candidato do PSDB, Mário Covas, acordou cedo, leu os jornais, recebeu vários telefonemas de correligionários de outros Estados, informando de várias adesões à sua campanha. Por volta das 10h30 saiu de sua casa, no Jardim Paulistano, e dirigiu-se, no seu Diplomata dourado, para o Centro. Desceu no Vale do Anhangabaú onde várias pessoas o reconheceram, aplaudiram e começaram a acompanhá-lo.

Covas subiu pela Galeria Prestes Maia até a praça do Patriarca, onde já o esperava o senador Fernando Henrique Cardoso

e o ex-prefeito de Campinas, Roberto Magalhães Teixeira, o "Grama", junto com o deputado estadual Getúlio Hanashiro. O candidato tucano pretendia "dar um passeio e tomar um cafezinho". Mas repórteres, equipes de emissoras de rádio e de televisão já o esperavam para uma entrevista. No Viaduto do Chá, o grupo aumentou enquanto funcionários do Banespa e da Eletropaulo, das janelas dos prédios, aplaudiam, jogavam papel picado e acenavam com bandeiras. No caminho, o cortejo foi engrossado por um grande número de militantes do PMDB, que abandonaram a candidatura de Ulysses Guimarães e passaram a trabalhar para Covas.

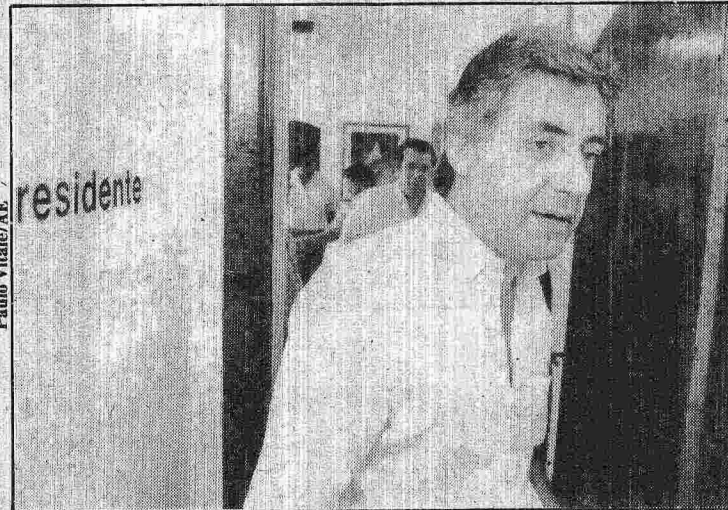
Em frente ao Teatro Municipal, na praça Ramos de Azevedo, uma senhora



Lula: passeata e abraços aos correligionários.



Brizola: campanha, mas sem fazer discursos.



Afif: "Vocês se surpreenderão".



Collor: sem spaghetti, com muito trabalho.

cobrou: "Você vai aceitar o apoio do PMDB?" E Covas: "No segundo turno eu posso?" Ela disse que sim, "mas só no segundo turno". Depois, o candidato comentou com os repórteres: "Eu não peço atestado de filiação partidária ou ideológica para quem quer votar em mim ou trabalhar para mim".

Sobre o boato espalhado "por malufistas", segundo assessores, de que Covas teria sofrido um infarto, o candidato tucano fez blague: "Eu já tive um infarto, há dois anos. Estou com o coração recauchutado. O candidato que espalhou essa mentira é que precisa se cuidar..." Depois, num desabafo, avisou aos jornalistas: "Não se espantem com esses boatos. De hoje para amanhã vem mais".

Kombis do "Baú"

Com sinal verde do animador e empresário Silvio Santos, dono do SBT, cerca de 25 kombis do "Baú da Felicidade" entraram ontem na campanha de Paulo Maluf, nas ruas de São Paulo, e hoje serão usadas no trabalho de boca-de-urna. Eufórico, o deputado Abdo Hadade, coordenador da campanha na Capital, anunciou ontem que seriam 200 kombis. Mas, no final da tarde, o supervisor-geral de vendas do "Baú", Paulo Ramos, reduziu o número para "40 ou 50". Pouco depois, conversando ao telefone, diminuiu a frota para 25.

Silvio Santos não manifestou apoio, publicamente, a Paulo Maluf. Mas Maluf garantiu que tem "100% dos votos da família de Silvio Santos" e disse ser "muito amigo" da mulher dele, Íris.

Maluf havia anunciado uma "carreata silenciosa" que partiria às 10 horas do comitê da rua Venezuela, passaria pela av. Nove de Julho, Anhangabaú, região do Mercado Central, rua 25 de Março, Penha, e terminaria na Vila Maria. Mas, a conselho de Carlos Brickman e Ênio Pesce, assessores de imprensa, a carreata não foi realizada, provavelmente para não criar um clima triunfalista entre os correligionários. Dezenas de automóveis estavam a postos, mas o candidato só chegou por volta das 11h30. Deu uma entrevista à imprensa e reuniu-se com assessores para discutir, entre outros assuntos, a conveniência de realizar a "carreata". Horas depois, Maluf anunciou que, ao invés da manifestação, faria campanha em um shopping center, mas também acabou desistindo, preferindo passar a tarde em conversas telefônicas. Hoje, ele vota às 8 horas no colégio "Sacré Coeur de Marie", na avenida Nove de Julho.

Afif e os números

Transformar 5% em 32% e ganhar a eleição. Este era o último desejo do candidato do Partido Liberal, Guilherme Afif Domingos, ontem, a menos de 24 horas da eleição presidencial. O último dia da campanha foi intenso para Afif. Em seu principal comitê, na av. República do Líbano, ele esteve reunido com seus principais assessores. Até a sua entrevista coletiva teve de ser feita num restaurante, durante o almoço, às 15 horas.

Em meio a um churrasco com farofa, o candidato afirmou que ainda não se considera derrotado. "Vocês se surpreenderão amanhã. O número de indecisos é muito grande. Já arquitetamos uma estratégia de boca-de-urna completamente diferente dos outros partidos. Serão cem mil voluntários espalhados por todo o País. O PL vai convencer a grande maioria dos indecisos", prometia. A "estratégia diferente", no entanto, se resume no ato de conversar com os eleitores e não apenas entregar o material de campanha.

A única pergunta que atrapalhou a degustação do mamão papaia, sobremesa pedida por Afif, foi a de quem ele apoiaria caso fosse mesmo derrotado. "Não quero nem pensar nesta possibilidade", cortava, ríspido. Mas o deputado federal Ricardo Igar — principal coordenador do PL — se antecipava e confessava que o partido está próximo de tomar uma decisão confortável e menos desgastante. "Existe uma forte tendência de não apoiarmos quem quer que chegue ao segundo turno. Alguns militantes preferem ainda esperar o resultado das eleições. Difícilmente juntaremos nossa força com o Collor, porque ele nos atacou muito. Os outros candidatos ainda têm alguma chance de ganhar votos do PL, com exceção do Lula."

Enéas, otimista

Quem também ainda tem esperanças de virar o jogo é o candidato do Prona, Enéas Ferreira Carneiro, que ontem trabalhou normalmente em seu consultório médico, no Rio, e hoje participa do programa "Jô Soares Onze e Meia". Aos que duvidavam de seu ânimo, ele perguntava: "Por acaso alguém já sabe o resultado?"